

# INTERVALO ANALÍTICO



René Magritte – *La Clairvoyance (A Clairividência)*, 1936 – coleção particular

## SER E ESTAR EM ANÁLISE

### MATÉRIA DA CAPA

#### *Ser em análise*

"Cada paciente desafia seu analista ao encontro incerto e temerário, para ambos, com o inconsciente, com o primitivo e ao confronto insidioso entre as forças de vida e de morte." (Rubens Volich)

#### *Estar em análise*

"Tal como na natureza, na Psicanálise, as descobertas contemplam o conhecido criando algo novo." (Aida Ungier)

Por Rubens Volich e Aida Ungier  
páginas 3 e 4

### NA SBPRJ

#### *Psicanalista-Cidadão*

"...temos o compromisso de contribuir com a sociedade na compreensão das experiências destrutivas e regressivas pregnantes no cenário social brasileiro."

Por Carlos Pires Leal  
página 5

### PSICANÁLISE & CIA

#### *Mariela Becher*

"Quando você nega a cor da pele está ignorando o racismo. Em um país como o Brasil, onde as desigualdades são do tamanho do continente, não podemos negar que elas têm etnia, gênero."

Por Sandra Gonzaga e Silva  
páginas 8 e 9

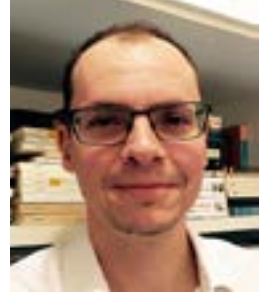
### FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

#### *Fernando Orduz*

"A Psicanálise é uma narrativa que tem sentido, desde que se faça carne em nós, isto é, a transferência."

Por Ruth Naidin, Letícia Neves e Maria Noel Sertã  
página 11

# Ser e estar em análise, eis a questão?



Haveria uma diferença assim tão significativa entre ser e estar em análise? Se os verbos ser e estar coincidem no inglês de Shakespeare (*to be*), no francês do autoexilado Samuel Beckett (*être*) e no alemão ensaístico de W. G. Sebald (*sein*), onde um único verbo serve para designar tanto a existência, a identidade quanto seus estados associados, o mesmo não vale para a língua de Machado de Assis. Em português, uma língua considerada difícil de apreender, ainda existe uma terceira flexão da análise, que seria o fazer análise, tornando essas declinações ainda mais complexas, como nos apresenta Rubens Volich, membro e professor do Instituto Sedes Sapientiae, no excelente artigo que abre o tema desse nosso segundo número do ano.

E por falar em línguas, me veio à lembrança o inapreensível livro de Didier Anzieu sobre Beckett, analisando de Bion, que não pôde ser em inglês, porque este já havia sido engolido pelo homérico James Joyce e suas Cila e Caribdis chamadas Ulysses, que trouxe em seu vórtice toda literatura ocidental. Na tese do ex-analisando de Lacan, para ser quem estava destinado desde a noite dos tempos, só restou a Beckett estar em francês, como se o inglês fosse o país a que aportou por engano e só então tivesse tornando a seu verdadeiro destino. Teria Anzieu repetido em seu livro, ao invés de lembrar, o que Lacan fez quando dedicou O Seminário XXIII a Joyce, o *sinthoma*, ou melhor, o santo-homem? Ao contrário, teria ele perseguido o espectro do seu antigo analista ao ler "Sete lições sobre Hamlet?" Se eu estivesse aqui em análise, isso poderia ser uma associação livre, mas como se trata de um editorial, chega de digressões e passemos logo,

ou melhor, sejamos enfim as matérias do nosso jornal.

Para nos fazer pensar sobre o que é estar em análise, convidamos a nossa colega Aida Ungier, autora de "Por acaso: o humor na clínica psicanalítica". Ela nos convida a percorrer as ficções do Eu, nas quais analisando e analista se tornam outro. Por meio do são-franciscano Thomas Ogden, chegamos ao autor de "O paciente inglês", de Michael Ondaatje, esse Outro do texto, que, por sua vez, nos diz que "se quer ir à cidade, vagueie". É o que Sandra Gonzaga e eu convidamos você, leitor ou leitora, a fazer em nossa companhia pelos variados caminhos do Intervalo Analítico.

Em seguida, Carlos Pires Leal, idealizador do *Fórum Permanente Violência e Cultura* da SBPRJ, propõe uma reflexão a partir do massacre policial na comunidade do Jacarezinho, demonstrando como podemos nos posicionar enquanto "psicanalistas-cidadãos" diante da imensa barbárie que assola o Brasil. Além de representantes de uma lei simbólica, somos aqueles que propiciam as condições da "subjetivação do sujeito desejante vivendo o seu tempo histórico".

Na *Coluna do Instituto*, Anna-Maria Bittencourt, vice-diretora do Instituto de Formação Psicanalítica, nos fala do conceito winnicottiano de ser e de continuar a ser (*going on being*), base do processo criativo do ser humano. "O elemento feminino é, o masculino faz, mas o fazer pressupõe o ser" – ela nos ensina como grande estudiosa da obra de Winnicott. O colega e membro provisório Daniel Senos nos chama para fazer uma viagem pelos círculos que levam do Inferno ao Purgatório, nos lembrando de nossa mortalidade, tal como Virgílio se fez de guia para Dante.

Na *Psicanálise & Cia*, nossa editora e colunista Sandra Gonzaga traz uma belíssima entrevista com a professora e escritora argentina Mariela Becher sobre a importância da escrita literária, o que é "ser e estar" no Brasil, hoje, e o olhar estrangeiro sobre nós.

A diretora do Departamento de Publicação e Divulgação Viviane Frankenthal faz uma resenha sobre o conto "Lava-pés, lençóis e alma", de Sônia Eva Tucherman, selecionada no concurso promovido pelo Comitê da IPA em Cultura – "O analista como narrador". Tucherman e mais cinco colegas de Sociedades brasileiras participam da publicação com os contos de psicanalistas de todas as partes do mundo. Ruth Naidin, secretária do mesmo departamento, entrevista o psicanalista colombiano Fernando Orduz, com a colaboração de Maria Noel Sertã e Letícia Neves. Leitor de Cortázar, Orduz pensa que a análise, mais que uma leitura das continuidades, é uma narrativa que busca as descontinuidades do texto que escrevemos juntamente com o analisando.

O bergmaniano Luiz Fernando Gallego, agora nosso membro honorário, resenha o filme "Sete minutos depois da meia-noite", do catalão J. A. Bayona, que conta a história de um menino diante da mãe gravemente doente e o seu embate com um monstro chamado luto.

E, para terminar, tenho o prazer de compartilhar os trabalhos publicados em livros, revistas e periódicos dos nossos alunos e membros na *Divulgar é preciso*. Boa leitura!

"O resto é silêncio".

// **Tiago Mussi**

tiagofranco@gmail.com



Sociedade Brasileira  
de Psicanálise do  
Rio de Janeiro

Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

[sbprj.org.br](http://sbprj.org.br)

Siga-nos:

[facebook.com/SBPRJ/](https://facebook.com/SBPRJ/)

[instagram.com/sbprjoficial/](https://instagram.com/sbprjoficial/)

Inscreva-se em nosso canal:

[youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ](https://youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ)

## INTERVALO ANALÍTICO

**Editora:** Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Eloá Bittencourt, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Paula Maio, Ruth Naidin e Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva

*As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.*

## SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2021-2022

**Presidente:** Lúcia Maria de Almeida Palazzo; **Vice-Presidente:** Miguel Sayad; **1ª Secretária:** Gisela Gorrese; **2ª Secretária:** Priscilla Capua Maia; **1ª Tesoureira:** Sônia Izecksohn; **2ª Tesoureira:** Eunice Raposo de Mello / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ney Marinho (Diretor), Anna-Maria Bittencourt (Vice-Diretor), Maria Noel Brena Sertã (Secretária) / **Conselho Científico:** Luciana Carvalho (Diretora), Maria Elisa Alvarenga (Secretária) / **Conselho Profissional:** Claudio Frankenthal (Diretor), Áurea Lowenkron (Secretária) / **Clínica Social:** Cláudia Bernardes (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Maria Teresa Silva Lopes (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Viviane Frankenthal (Diretora), Ruth Naidin (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Carlos Pires Leal (Diretor), Flávia Costa Strauch (Secretária) / **Site:** Roberto Franco

# Ser em análise<sup>1</sup>



Cada paciente desafia seu analista ao encontro incerto e temerário, para ambos, com o inconsciente, com o primitivo e ao confronto insidioso entre as forças de vida e de morte. O tempo, o espaço, as experiências sensoriais e subjetivas do enquadre e da transferência permeiam o encontro analítico, marcando as condições para a revelação e a elaboração de lembranças e vivências individuais, familiares e sociais de prazer e desprazer, muitas vezes perturbadoras e extremas.

Essas referências são pautadas pelos dispositivos clínicos desenvolvidos desde Freud, como a relação transferencial com o analista (a qualidade de sua presença, sua intuição, sua escuta, sua capacidade associativa e de investimento), as condições que buscam favorecer a regressão e a reorganização libidinal (o ambiente, o divã, o ritmo das sessões), os recursos para a emergência do material inconsciente (associação livre, sonhos, lapsos etc.). O processo psicanalítico é classicamente reconhecido por essas referências. Ao buscar uma análise, para conhecer, compreender, elaborar questões de sua existência, aliviar sofrimentos, superar inibições, descobrir e usufruir de desejos desconhecidos e buscar satisfazê-los, o paciente se depara com esses dispositivos. Estranhando, interagindo, resistindo ou acolhendo cada um de seus elementos, em diferentes momentos, apropria-se deles e os rejeita, passa a habitá-los e deles se exclui, convive com eles e os rejeita. Atravessado por seus afetos, lembranças, fantasias e personagens de sua história, coloca em cena fragmentos esquecidos e distorcidos, buscando conhecê-los e ressignificá-los, construindo novos cenários, reconfigurando escolhas, relações, condições de vida, seu presente e seu futuro.

Alguns descrevem essas experiências dizendo “fazer análise”, outros alegam “estar em análise”. Por meio dessas expressões, revela-se uma nuance significativa entre a atividade do “fazer” e a contingência, algumas vezes passiva, do “estar”. A língua portuguesa nos privilegia com uma terceira

“Entre nós, o verbo 'ser' expressa condições essenciais de existência, de identidade, de predicação, enquanto 'estar' refere-se a estados ou circunstâncias temporárias e mutáveis”.

possibilidade de descrição, inexistente em outros idiomas: a do “ser” em análise.

Em inglês, em francês e em alemão, por exemplo, um único verbo expressa indistintamente as condições de ser e estar (*to be*, *être* e *sein*). Entre nós, o verbo “ser” expressa condições essenciais de existência, de identidade, de predicação, enquanto “estar” refere-se a estados ou circunstâncias temporárias e mutáveis.

O processo psicanalítico oferece a cada um a possibilidade de mudanças por meio de experiências marcadas pela multiplicidade de vivências psíquicas, afetivas, relacionais e corporais, e que tem como substrato o desejo ambivalente do sujeito de conhecer a si mesmo, sua natureza, seus modos de funcionamento, a essência de seu ser. Ele tem como condição essencial a disposição ativa para a introspecção e o trabalho de elaboração.

A conformidade ao dispositivo psicanalítico, a presença regular do paciente nas sessões, o cumprimento do contrato de honorários, a comunicação de suas ideias ao analista

podem, aparentemente, sugerir a existência de um processo psicanalítico, que o paciente “esteja em análise”. Porém, como observamos em alguns processos adaptativos, operatórios, desencarnados ou marcados pela alienação, esses diferentes elementos não garantem, por eles mesmos, que o sujeito esteja realmente vivendo o contato consigo mesmo, com seus conflitos, com sua história, com suas vivências pulsionais.

Por meio da contratransferência, o analista tem a oportunidade de observar, acompanhar e propiciar a elaboração das oscilações das diferentes condições existenciais do paciente, entre o “ser”, o “fazer” e o “estar” em análise.

“Ser em análise” sinaliza os momentos em que o paciente experimenta a relação viva, autêntica e espontânea consigo mesmo e com sofrimentos, prazeres e afetos que acompanham suas lembranças, fantasias, representações objetais e desejos vividos, reatualizados, elaborados e passíveis de transformação por meio de um vínculo significativo com o outro transferencial.

// Rubens Volich<sup>2</sup>

rubensvolich@gmail.com

1 Reflexão inspirada pelo tema das Reuniões Científicas da SBPRJ 2021, “Estar em análise”. Agradeço o convite de Sonia Bromberger para comentar seu caso e a Sandra Gonzaga para, aqui, compartilhar esta breve reflexão.

2 Psicanalista. Doutor pela Universidade de Paris VII – Denis Diderot. Membro do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae e professor da Especialização em Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae. Autor de *Tempos de Encontro. Escrita, Escuta, Psicanálise* (Blucher, 2021), *Psicossomática: de Hipócrates à Psicanálise* (São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000); *Hipochondria: impasses da alma, desafios do corpo* (São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002); coorganizador e autor dos livros da série *Psicossoma* (São Paulo: Casa do Psicólogo).



# Estar em análise

"A primeira frase de cada romance deveria ser: 'acredite em mim, isso aqui vai tomar tempo, mas há uma ordem aqui, muito tênue, muito humana: se você quer ir à cidade, vagueie!'

Michael Ondaatje, *In the skin of a lion* (1987), citado por Thomas Ogden (1996).

Estar em análise toma tempo. Espaço e tempo. Não o espaço euclidiano, entre aqui ou lá, muito menos o tempo cronológico, que bascula entre antes e depois. Trata-se de um tempo/espço míticos, onde se mistura a experiência

emocional do analista e do analisando, no processo de criação do sujeito analítico. Portanto, estar em análise é viver a experiência inédita, na qual ambos se tornam outro do que já foram até aquele momento.

Sabemos que toda narrativa é uma ficção, no entanto, todo analista carece dela para justificar suas conjecturas. Passemos, então, a uma delas: Maria chega para sua primeira sessão. Por alguns momentos, mantém-se silenciosa. Sentada, alisa o braço da poltrona, cruza as mãos sobre o colo. Depois de alguns minutos, a analista convida-a a falar. Hesitante, lembra de uma fatalidade ocorrida na véspera: um contraparente falecera aos 30 anos, aproximadamente, em virtude de um acidente de moto. Para ela, não passava de mais um relato, quando a analista lhe fez uma simples observação: você iniciou a análise com a lembrança de uma morte.

Surpresa, capturada pela revelação, Maria se dá conta de que estava ali para elaborar um luto e que qualquer

palavra a remeteria a esse luto. Estar em análise é desvelar um discurso que fica do lado de dentro da narrativa, mas só se percebe depois. Nunca mais, a rigor, deixa-se a análise. No dizer do poeta, "se quer ir à cidade, vagueie".

Estabelecida a transferência, esse continente que acolhe o sem sentido da comunicação e nos permite a continuidade de ser, vamos nos revelando a cada nova associação. Desenha-se dentro de nós uma potencialidade que se desdobra ao ritmo da existência, ligada ao sentimento de estar presente e vivo no mundo e na sessão. É bem possível que, em dadas circunstâncias, a dupla engendre uma verdade histórica, estranha ao capital de memórias do paciente, mas que dará sentido à sua biografia. Esse paradoxo é para ser aceito sem questionamento. A estrutura helicoidal do DNA, por exemplo, já existia antes mesmo de ser descrita. Tal como na natureza, na Psicanálise as descobertas contemplam o conhecido criando algo novo.

Enfim, alguns dentre nós, de tempos em tempos, necessita arejar essa usina, incluindo um outro que nos perguntará sobre o nosso desejo – o que fazemos com ele, por que precisamos voltar. Sem dúvida, tal experiência é mais frequente entre analistas. Afortunadamente, os membros dessa tribo possuem um outro espaço onde podem deitar suas fantasias e reflexões. Compartilhar nossa experiência é petição de princípio em um trabalho tão solitário e cujas regras são tão fluidas que se pulverizaram por onde foram se difundindo. Somos obrigados a materializá-las no texto, uma ficção, uma produção imaginária, que simboliza nossa experiência vivida.



Paul Klee, *Insula dulcamara* (1938)

// Aida Ungier

aidaungier@globo.com



# PSICANALISTA-CIDADÃO: desafios para os tempos de um Brasil sombrio

Dia 06 de maio de 2021: o maior massacre policial de todos os tempos assombrou um país combalido. Uma parte dele. A outra, exultou: teria se livrado de 28 vidas pretensamente nocivas à segurança da sociedade. A carnificina fez aumentar imediatamente a popularidade do governador do Estado. O presidente da República, de índole publicamente violenta e transgressora, enalteceu os matadores. Tentam fazer crer que a violência, o ódio e o derramamento de sangue seriam práticas legítimas e necessárias para a proteção dos “homens de bem”, mesmo ao custo de flagrante e acintoso desprezo à Constituição da República e aos valores republicanos básicos.

A face letal e sangrenta do que se passou na comunidade do Jacarezinho é uma consequência inevitável e previsível da dissolução e do esfacelamento de referências éticas civilizatórias elementares. O Brasil tem, hoje, mais pessoas vivendo na extrema pobreza do que no início da década passada; mais da metade da população vive algum grau de insegurança alimentar; 14 milhões de pessoas estão desempregadas; o racismo, a homofobia, a misoginia e a violência contra as crianças atingem dimensões indecentes; o desmatamento da Amazônia alcança o terceiro maior valor na série histórica dos últimos 10 anos. A pandemia acirrou esse cenário desolador.

O Brasil vive tempos sombrios.

A violência reinante parece gerar três tipos de reação: a pura e simples negação ou indiferença – por cinismo ou torpor; o apoio aos atos violentos como caminho, via eliminação física dos supostos agressores; e a indignação e inconformidade com a violência como política de Estado. Esta última não induz automaticamente a atitudes propositivas e transformadoras, especialmente quando desatreladas de uma prática reflexiva sobre o atual momento, indutora de atitudes propositivas e potentes inspiradas nos valores da solidariedade, de justiça social e da liberdade – restaurando e aprimorando a Democracia.

Nós, psicanalistas, temos uma contribuição valiosa e específica a oferecer neste

"A face letal e sangrenta do que se passou na comunidade do Jacarezinho é uma consequência inevitável e previsível da dissolução e do esfacelamento de referências éticas civilizatórias elementares."

momento, como profissionais sensíveis ao sofrimento e desamparo humanos. Dispondo de um corpo de conhecimentos que procura dar sentido e construir significações para a aventura humana, temos o compromisso de contribuir com a sociedade na compreensão (que já é a antessala da transformação) das experiências destrutivas e regressivas pregnantes no cenário social brasileiro. Elas põem em risco iminente a preservação da Democracia, ameaça a integridade física e moral do cidadão, devasta o meio ambiente e fragmenta o tecido social.

O Fórum Permanente Violência e Cultura da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro/SBPRJ tem o propósito de contribuir para o aprofundamento da compreensão das diversas, intensas e persistentes manifestações da violência observadas no nosso país. Reúne psicanalistas e pensadores dos diversos campos da ciência, da cultura e das artes, entendendo que os fenômenos culturais e sociais são, por natureza, complexos e dinâmicos, inapreensíveis por meio de um único saber ou discurso.

A SBPRJ está atenta às conturbações da vida nacional, reconhece sua gravidade e as repercussões danosas à vida mental das pessoas. A nossa atividade clínica para além da função de contribuir para o alívio do sintoma e do sofrimento emocional é absolutamente indissociável da compreensão (e, eventualmente, intervenção) das condições propiciadoras da subjetivação do sujeito desejante vivendo o seu tempo histórico. Eis porque a nossa inelutável e indissociável condição de psicanalistas-cidadãos.

Na companhia de Millor Fernandes, concluo recorrendo ao humor esperançoso de que suas palavras sejam menos um vaticínio do que expressão ética do viver: “O Brasil tem um enorme passado pela frente”.

// Carlos Pires Leal

carlospiresleal@gmail.com



Francis Bacon, *Três estudos para figuras na base de uma crucificação* (1944)



# Ser e estar em análise

Considero ser em análise e estar em análise fenômenos de uma mesma ordem. Entenda-se que me refiro à ideia de ser, despido de sua conotação ontológica ou essencialista, definida antes por sua condição plástica e movente, afeita portanto ao conceito winnicottiano de ser e de continuar a ser, *going on being*, que está na raiz do processo criativo do ser humano.

Uma análise não se inicia num primeiro encontro; ao firmar-se o contrato formal entre paciente e analista, pode acontecer antes ou depois, quando laços transferenciais configuram-se, dando notícias de um espaço em potência entre-dois, que poderá vir a se atualizar no campo relacional dinâmico da análise. As-

sociações livres, sonhos, fantasias, resistências circulam, endereçadas a um outro sujeito, o analista, que, pela análise da transferência e da contratransferência, as transforma, devolvendo-as em forma de interpretação, vivida pelo sujeito, como fruto de criação mútua. Inauguram-se novos circuitos, as comunicações recebem novo sentido, amplia-se a capacidade simbolizante do sujeito e a experiência de continuar a ser é, enfim, encontrada.

Tal experiência é deficiente nas organizações psíquicas caracterizadas por prejuízos das funções simbólicas, indiferenciação sujeito/objeto, com falhas nos processos identitários, caracterizadas por vazios psíquico, paralisia, falta de ima-

ginação, de ação e criatividade. As interpretações são equivalência de intrusão, perdendo seu caráter transicional. A experiência subjetiva do analista torna-se a via principal de acesso ao psiquismo do paciente. Estes quadros clínicos estão normalmente vinculados a vivências traumáticas precoces. É função do analista oferecer continência ao vazio amorfo da mente do paciente, para que ele possa viver a experiência de ser, ou seja, até dali emergir algum movimento espontâneo, pré-condição para a criação do espaço intermediário entre a dupla. Isso só pode ocorrer por meio do estabelecimento de uma relação com o elemento feminino do objeto, conforme a considerou Winnicott, cuja função é propiciar um estado ilusório de fusão, de identidade total com o outro, de continuidade. Isso é diferente do tipo de relação com o elemento masculino, encontrada nos processos associativos das análises ditas padrão, em que a separação é um pressuposto. O elemento feminino é, o masculino faz, mas o fazer pressupõe o ser. Inicialmente, não se é actante, mas contemplativo.

Considerando-se o modelo da transicionalidade como aquilo que é buscado no trabalho analítico, estar em análise é carregar em si a capacidade continua de mover-se, de realizar ações expressivas, atos produtivos, de transformar-se por meio da relação com um outro, e de transformar o espaço cultural em que se está inserido. É ser movente – trabalho interminável. Estar em análise é assim, necessariamente, ser em análise.



Edward Hopper, *Rooms by the Sea* (1951)

// Anna-Maria Bittencourt  
annambittencourt@gmail.com



# O Analista Mortal

A morte paira entre o psicanalista e seu analisando. Atravessados pelo perigo microscópico imposto pelo reinado viral, associado ao desastre político no contexto brasileiro, encontramos privados de nossas habituais defesas frente ao contato horizontal com nossos pacientes. O consultório, espaço físico, acumula sedimentos temporais que enaltecem sua quase inutilidade nos tempos atuais. O terno cinza e seus derivativos, que já demonstravam sinais evidentes de defasagem anteriormente, passam a aumentar o grau de intimidade com o armário, cabides e afins. O atendimento remoto se impõe como uma das únicas possibilidades de continuarmos em contato com nossos analisandos. E, talvez, com a humanidade.

Diante da alteração drástica de enquadre, de repente nos vemos dentro da casa de pessoas que atendemos há anos. Ou mesmo de pessoas de outras cidades, que buscam ajuda fren-

te ao momento crítico que vivemos. Não são raras as interrupções por falha de conexão, por demandas familiares, animais domésticos reitereando o domínio de seus territórios. O psicanalista também se enquadra no pequeno *display* e responde de sua casa, fora de seu *habitat* natural, quase fetiche entre sagrado e profano, também submisso à realidade persecutória que transcende o mundo interno do seu paciente. E que o realoca diante do mundo.

Penso que o atual contexto pandêmico, aliado à política de extermínio em curso no campo político nacional, corrobora a importância do psicanalista se reorganizar diante da sua prática clínica. Em primeiro lugar, a experiência de morte vivenciada coletivamente é imposta como uma realidade comungada pelo psicanalista e seu analisando. Em segundo, temos a dissolução do enquadre clássico e a consequente aproximação com a intimidade externa do ana-

lisando. Ambos servem para nos lembrar que o psicanalista, além de ser humano, também é mortal e está suscetível às mesmas intempéries que seu analisando. Diante do desnudamento do conforto de sua poltrona, o psicanalista talvez se recorde que ainda é composto pela indesejável matéria orgânica dos mortos.

Borges nos lembrou como a mortalidade torna o homem precioso e patético, pois evoca o que é efêmero e único em nossa existência, em nossos atos, e que impede o nosso aprisionamento no plano da imortalidade, dos ecos eternos de uma não-temporalidade. O psicanalista, mais do que nunca, e, provavelmente contrariado, recorda-se de sua mortalidade ao olhar Caronte, repleto de óbolos, conduzindo seu barco junto a seus analisandos.

// Daniel Senos

danielsenos@gmail.com

## VAI ACONTECER

**24/06 – QUI | 21:00** | Reunião Científica “Estar em Análise” - **Transexualidade.**

Apresentadores: Letícia Neves, psicanalista SBPRJ, e Jordhan Lessa, homem trans, palestrante e consultor sobre diversidade.

**25/06 – SEX | 19:00** | Psicanálise & Cinema - Homenagem aos 100 anos de Psicologia das Massas.

Filme: **A Onda (Die Welle)**. Debatedores: Luiz Fernando Gallego, psicanalista SBPRJ, e Suzana Schild, crítica de cinema.

**01/07 – QUI | 21:00** | Reunião Científica “Estar em Análise” - **O infantil.**

Apresentadoras: Paula Maio, psicóloga (UEM), aluna do Instituto da SBPRJ, e Lorena Prazeres, psicóloga (UFPA), especialista em Psicanálise: Técnica e Teoria (UNISINOS).

**08/07 – QUI | 21:00** | Sessão Clínica “Estar em Análise” - **O infantil - Ninguém ama essa criança.**

Apresentadores: Miguel Sayad, psicanalista SBPRJ, e Magda Khouri, psicanalista SBPSP. (Para membros FEBRAPS).

**15/07 – QUI | 21:00** | GT Descolonização. Coordenadora: Wania Cidade, psicanalista SBPRJ.

**05/08 – QUI | 21:00** | Reunião Científica “Estar em análise”.

Apresentadores: Carlos Motta, psicanalista SBPRJ, e Maria Elisabeth Cimenti, psicanalista SPPA.

**19/08 – QUI | 21:00** | Fórum Violência e Cultura: **Violência não domesticada.**

Participantes convidadas: Andrea Pachá, juíza, e Betty Fuks, psicanalista.

Saiba mais em [sbprj.org.br/blog/Eventos e Notícias](http://sbprj.org.br/blog/Eventos-e-Noticias)



O canal do **YouTube da SBPRJ** foi reorganizado. Confira!. [Link de acesso](#)



# Mariela Becher

*Mariela Becher (1976) nasceu em La Cesira, Córdoba, Argentina. Escritora, professora adjunta da Faculdade de Serviço Social na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mora no Brasil desde 2004, onde fez mestrado e doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Publicou seu primeiro livro "Desiertos Des-Humanos", Ed. Alaya, Córdoba, 2020.*

## Em que ponto você está?

No ponto do humano, nunca saio dele. Toda minha experiência me leva sempre a este ponto. No começo da pandemia, fui atrás de autores como Primo Levi, para retornar à pergunta que me acompanha desde cedo: quais os elementos que, na presença da dor, nos tornam humanos? A partir de minhas leituras e das descobertas que elas trouxeram, comecei a escrever um livro de cartas (a convite de uma amiga) em que tento seguir sendo humana, o que só é possível com a existência de um outro. Sempre me perguntei como faziam os humanos frente à catástrofe para não desistir do humano. Desistir tem a ver com o ato de se entregar, de se abandonar. Minhas preocupações teóricas me levam a querer entender por que nos entregaríamos a um mundo pós-humano? O que nos retém e o que nos entrega? Neste livro, persigo incansavelmente autores para que me digam



Livro *Desiertos Des-Humanos* (2020)

por que me apego tanto a essa experiência. Considero que, compreendendo as misérrimas que desenvolvemos, em particular a partir do capitalismo, possamos, em alguma medida, nos desfazer delas, sem o que me parece impossível manter algo do que conhecemos como experiência humana. Escrever, para mim, é um ato de não me entregar, de atravessar, de transitar, de estar no mundo.

## Por que cartas?

Apreendi a escrever escrevendo cartas. Me apaixonei pela primeira vez por meio de uma carta. Morava em um vilarejo bem pequeno na Argentina, onde se tinha muito pouco o que fazer, e meus pais eram a conexão do vilarejo com o mundo: eles vendiam revistas, livros de coleção. Eu roubava as revistas para ler e, depois, devolver, e era daí que tirava endereços de "fora" para mandar cartas: eram presos, cubanos de preferência. Uma amiga me disse uma vez: "você se sentia presa e precisava entender esse sentimento a partir da experiência de outros". Escolhia homens. Tocar o outro pelas palavras sempre foi um desafio. Sempre imaginei um mundo de palavras. Como sempre, gostei de saber das pessoas, de suas histórias, circulava e circulo muito para entender, conhecer. Nunca consegui imaginar um mundo sem os outros. No primeiro livro que publiquei, *Desiertos Des-humanos*, tento mostrar o mundo pelo olhar de uma criança que observa, sente, sofre. Encontrei, na escrita literária, um mundo de onde posso tocar o mundo. Nunca consegui separar muito bem o ato de ler e escrever. Para mim, eles sempre se confundem. Quando leio sinto que escrevo, e quando escrevo sinto que leio. Desde pequena carrego essa condição.

## Fale-nos da experiência de migração e da escolha do Brasil.

Quando migrei, não foi uma novidade. Minha avó paterna teve dez filhos viajando de carroça por toda a Argentina, fazendo a safra de cada estação. Minha avó materna sofreu o desamparo de uma família basca chegando em terras desconhecidas, proclamando a liberdade em cada beco e se ressentindo frente à negação da liberdade. Tenho uma história de migração atravessada, como quase todo este continente. Sempre, desde muito nova, talvez pelo sentimento de aprisionamento, quis migrar. Queria saber o que tinha lá fora. Saí da Argentina sem rumo. As pessoas que migram vivem sempre entre mundos, entre vidas, entre almas. Havia algo muito forte, de que só fui saber anos depois: atravessar esse deserto para me entender e entender a liberdade que buscava. Até aqui, uma história a mais de migração. Só que minha necessidade de migrar não era para "melhorar minha vida"; era para conhecer "outras vidas", o que eu chamo de diversidade. É neste ponto que o Brasil foi a minha descoberta, e eu agradeço a essa cultura por isso. Aprender a me diversificar e, ao mesmo tempo, a me entender. Me sentia em casa e tinha saudades. Eu gosto de saber-me assim, mesmo na dor de tudo isso. Nunca me contentei em acabar a graduação e pronto. Sempre sentia tudo muito limitado. Os livros sempre me pediam mais e eu percebia isso. O fato específico de vir para o Rio de Janeiro tem a ver com um professor cuja discussão me interessava, fundamentalmente porque discutia marxismo. Eu militava em organizações estudantis de esquerda, feminista, mas não sabia do que estávamos falando. Novamente entender. Meu foco sempre foi, muito além das correntes, saber o que é



# “Penso que podemos estar caminhando na direção de um mundo pós-humano...”

isso que chamamos de humanos.

O Brasil me brindou com cursos qualificados, bolsas, amigos e diversidade. Cheguei em 2004 com a ascensão do PT ao poder e os ares de renovação. Queria viver isso. Este ponto de inflexão na história brasileira só foi compreendido por mim uma década depois, quando decidi ministrar uma disciplina na faculdade: “Pensamento Social Brasileiro”. Me deparar com a experiência intelectual brasileira e seus percursos foi fascinante. Havia me debruçado durante todo o doutorado sobre autores como Caio Prado Jr., mas foi pela mão de Antonio Candido que mergulhei na Literatura Brasileira, fiz um caminho, desbravei a minha ignorância. Do melhor da escola paulista (Roberto Schwarz, Paulo Arantes, Maria Sylvania de Carvalho Franco), consegui entender os cursos e percursos da Teoria Crítica Brasileira. Este era meu objetivo primeiro! Só cheguei a ele muitos anos depois.

**A SBPRJ iniciará a turma de formação de psicanalistas em agosto deste ano aceitando pessoas com curso superior completo, além de oferecer bolsas para negros, indígenas e refugiados. Como foi acompanhar, como professora, as mudanças na universidade brasileira a partir da implantação de ação afirmativa?**

Há pouco tempo, participando de um debate, um homem que assistia afirmou: “o problema é que os negros e indígenas querem tudo já, e a incorporação leva tempo”. Respondi: “cinco séculos lhe parecem pouco?”. Faço parte de uma universidade que é pioneira em política afirmativa, na lei das cotas, e tenho orgulho disso. A universidade mudou para melhor com este processo e em cursos como os nossos, das ciências humanas, é evidente o impacto nos debates, nas configurações das relações com a incorporação das cotas. O que me parece fundamental visualizar frente às políticas afirmativas é o que elas expõem, mos-

tram: a fratura brasileira tem cor, tem etnia, tem gênero. Mesmo com as limitações que essas políticas enfrentam, isso não nega a importância de serem efetivadas. Vários autores e autoras norte-americanos falam de *colorblindness*: “como alguém pode dizer que quando vê uma pessoa, não vê a sua cor? Como não ver o maior órgão do corpo humano?”. Quando você nega a cor da pele está ignorando o racismo. Em um país como o Brasil, onde as desigualdades são do tamanho do continente, não podemos negar que elas têm etnia, gênero. Ou não estamos dispostos a enxergar a cor dos jovens que andam de bicicleta distribuindo *ifood* pela cidade inteira? Ou de quem limpa os banheiros na universidade? Ou de quem junta nosso lixo cada manhã? Ou do desfile de babás, às 9 horas da manhã, pela praia de Ipanema? Se estamos atentos a isso, saberemos que não é “rápido demais” pensar quem são os que ocupam os lugares nas instituições, nas salas de aulas. Penso que o que as políticas denunciam é algo que tem a ver com todos nós e temos que ouvir.

**E “Ser e Estar” no Brasil, hoje?**

Que dor. Pensar e sentir o Brasil, hoje, me dói. E isso não é só sentimento, é corpo. Primo Levy nos diz: “É homem quem mata, é homem quem comete ou sofre injustiças, não é homem quem divide a cama com um cadáver”. Sinto-me neste lugar: não me considero humana quando vivo em um cemitério humano. O Brasil, hoje, é mórbido e isso me dói. Tem um percurso que precisa ser recuperado, e não só no Brasil, que é a necessidade de pensar se queremos salvar a experiência humana dessa morte. Tem uma frase belíssima, do Federico García Lorca que diz, ao inaugurar uma biblioteca em sua cidade natal: “Diga-me o que lê e lhe direi quem és”. Ele conta a história da escrita e sua evolução. Como estou envolvida na educação, uma das minhas grandes preocupações é em torno da leitura. Sinto que

uma das nossas grandes derrotas é a da leitura. Não por que dizer isso me parece ilustrado, distintivo, senão por que é uma capacidade humana que nos exige criar imagens que não existem. Quando lemos, somos obrigados a imaginar aquilo que está sendo dito e o não dito, que não sabemos como é. Então, cada um de nós precisa imaginar e criar sua história, com um roteiro de base. Essa, para mim, é a grande chance de imaginar outro mundo. Dostoiévski, quando estava preso, pedia livros. Mesmo morrendo de fome e frio. A fome, que precisamos atender primeiro, e o frio, que é massacrante, precisam ser completados pela capacidade de imaginar. Sem isso, a experiência humana se perde. Penso que podemos estar caminhando na direção de um mundo pós-humano e, com isso, quero dizer que perderemos essa capacidade que nos torna uma experiência única: imaginar.

**A Literatura é uma presença inspiradora e não livre de conflitos na escrita de Freud. A Argentina, o berço do saber psicanalítico na América Latina. Em que dimensão a Psicanálise faz parte de sua escrita?**

Eu tive a sorte (e ainda tenho) de ser acompanhada por três mulheres sensíveis, lúcidas e artistas no processo de conhecer o mundo através do que eu sou. Para mim, este sempre foi um espaço de criação e de construção poética. Transito neste espaço na companhia de alguém que entende a necessidade de criar palavras para atravessar a dor. Escrevo basicamente para me entender. Se não escrevo, tudo fica confuso, nebuloso. Para me entender, fui convidada a escrever. Isso foi maravilhoso! Sou grata a esse convite, sou grata a essa companhia cuidadosa, instigante, provocadora. A Psicanálise, para mim, é o território da criação de beleza, onde seja possível a vida.

// Sandra Gonzaga e Silva  
sagon@globo.com



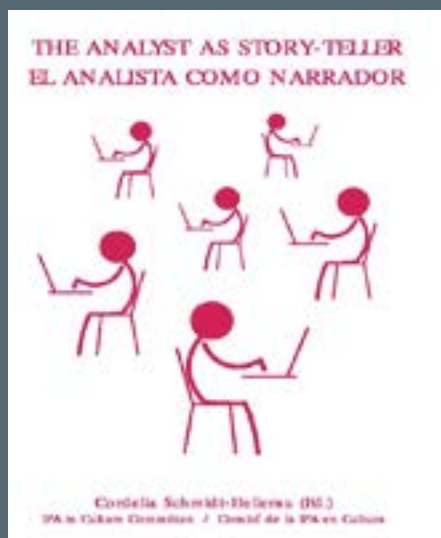


# Lava-pés, lençóis e alma

Autora: Sônia Eva Tucherman

*A resenha desta edição homenageia a colega Sônia Eva Tucherman, membro efetivo da SBPRJ, selecionada no concurso promovido pelo Comitê da IPA em Cultura – "O Analista como narrador", com o conto "Lava-pés, lençóis e almas". Sônia e mais cinco colegas de Sociedades brasileiras filiadas à IPA dividem as páginas do livro publicado com os contos premiados com psicanalistas de todas as partes do mundo. Viviane Frankenthal aceitou a difícil tarefa de resenhar um conto e despertar a curiosidade dos leitores.*

Minha geração viu a lavadeira da casa enrolar na trouxa de lençol nossas roupas. Viu nossas mães fazerem o rol dessas roupas ajudadas por nós, meninas. Nessa época, não imaginávamos as dificuldades possíveis das nossas lavadeiras, do nosso povo pobre. Esse conto de Sônia Eva nos pega pelo pé, pelo umbigo e pelo coração! É tão bem escrito que nos faz sofrer nas primeiras linhas, já adivinhando a dor que virá.



Vemos se descortinar a impotência dessa mulher diante da pobreza e da vida. "Às vezes canto alto pra não ouvir meus pensamentos. Às vezes canto baixinho pra não chorar. Às vezes fico em silêncio pra ouvir a história da música. Às vezes fico em silêncio e não ouço nada". Também acompanhamos os temores, os sentimentos e o orgulho profissional da lavadeira, tão bem descritos pela autora. "Ponho roupas pra quasar no quintal. Sou das poucas que ainda faz isso. Conheço meu ofício e gosto de ver os sorrisos admirados das madames, ohs! E ahs!" E seus sonhos com o Lava-Pés: "sentar na cadeira alta, o padre pegando meus pés – estariam cheirosos! – passando aquele paninho devagar, igualzinho à Cinderela".

Vemos a desagregação familiar em decorrência, provavelmente, da falta de perspectivas, de condições mínimas de sobrevivência digna. "Tem mais um que saiu ao pai, sumido no mundo, é só cachaça, mulher e baralho". Seu medo e impotência diante de um marido alcoólatra, como tantos, e perigoso, muito perigoso!

Há orgulho e tristeza na frase: "Labuta

no tanque é coisa antiga, vem d'avó da vó". São gerações que repetem um ofício, com orgulho, mas também apontam para a vida sem saída e sem opções desde há muito tempo...

Na sequência brilhante do conto, vemos seu caminhar por um sistema de saúde existente, mas precário, com filas intermináveis, desconsideração, falta de atenção e de eficácia. O desfecho é esperado, mas nos surpreendemos com o final elaborado pela autora, onde a dor é insuportável e a esperança não mais existe!

// **Viviane Frankenthal**  
vivifrank2@gmail.com



[Acessar o Conto](#)

## NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

### Homologações Assembleias Gerais

**17/12/2020:** qualificação como membro efetivo do membro associado: Luiza Carolina Proença Nabuco.

**25/01/2021:** qualificação como membro efetivo: Mariana Neustein.

**15/03/2021:** passagem do membro efetivo com funções específicas do Instituto para membro honorário da SBPRJ: Luiz Fernando Gallego.

**31/05/2021:** criação do Departamento de Comunidade e Cultura - DCC (aprovação por unanimidade).



# Entrevista com Fernando Orduz

Nosso entrevistado neste número do IA é Luiz Fernando Orduz, psicanalista da Sociedade Colombiana de Psicanálise, professor, homem da Literatura, das Artes em geral, da Política, exímio dançarino e presidente da Fepal 2014-2016. Trata-se de um pensador original e consistente, como vocês poderão ver a seguir. Letícia Neves colaborou na elaboração das perguntas e Maria Noél Sertã traduziu as respostas num esforço coletivo para tê-lo conosco. Aproveitem!

## Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória até chegar à Psicanálise.

Não sei qual foi o momento em que chegaram na minha vida o nome de Freud e suas ideias. Sei que foi durante minha adolescência, talvez em alguma aula de Ciências Sociais, talvez em alguma pincelada de aula de Filosofia, talvez porque Freud tenha sido uma herança do século passado – como Marx – e, por essa razão, suas ideias eram mencionadas nas aulas de humanas. Esse legado encontra-se na noção de Inconsciente. Não somos donos de nosso Eu, não somos senhores de nossa própria morada. Escutei essa ideia naqueles tempos e fui de imediato cativado. A realidade, tal como a vemos, tem suas máscaras; por trás dela existem outros mundos e o ser humano tem tantas camadas desconhecidas quanto aquelas que estão sob a superfície da terra. Quando lia sobre qualquer tema – e na adolescência lia muitíssimo, mais até do que hoje em dia – eu ficava pensando que escondida nas palavras que lia havia uma trama a ser desvelada. Então, a vida me conduziu por territórios que me confirmaram essa hipótese freudiana. Passei pela Medicina, de mãos dadas com a leitura psicanalítica, procurando observar que por trás de cada sintoma corporal havia uma história; também pela loucura, para ver que ali havia um sentido e um método; passei pelas Artes Cênicas, descobrindo que por trás da palavra havia um corpo que a produzia; passei pela Ciência Política, para constatar que por trás do tecido social há uma série de interesses econômicos e ideológicos que a determinam; passei pela Semiologia, para estudar os enredos da linguagem; passei pelas ilusões da vida e do amor e as desconstruí na horizontalidade de um divã.

## Após muitos anos de omissão, a SBPRJ vem

**criando iniciativas em direção à comunidade maior, oferecendo atividades científicas abertas, bolsas para a formação de pessoas jamais incluídas – negros, indígenas, refugiados e para profissionais de outras áreas. Como você vive e pensa sobre essas práticas? Conte-nos sobre sua experiência pessoal a respeito.**

Em sua estrutura, a Psicanálise tem algo de excluída ou de marginal, algo que me parece relevante. Menciono algumas características que sustentam essa adjetivação: é uma disciplina que se afasta de uma concepção médica ao propor uma gênese psíquica para as doenças somáticas; revelou algo inaceitável para aquele momento, como a presença da sexualidade infantil funcionando como fator causal de transtornos mentais futuros e; finalmente, tem em seu berço uma série de pensadores judeus, que sofreram, para além de sua condição de origem, os efeitos da diáspora, do exílio, com a chegada do Terceiro Reich e a anexação da Áustria. A Psicanálise navegou para o exílio, viajando para várias regiões continentais e insulares, mas, curiosamente, nesses novos lugares onde aportou – tais como Londres ou Estados Unidos ou Buenos Aires – acabou ocupando um lugar central no campo psiquiátrico, tanto que os americanos do norte a converteram em matéria exclusiva da Medicina.

Esse fato foi acompanhado por uma revolução sexual muito importante, na qual as ideias psicanalíticas incidiram, ao longo do século XX, sobre as práticas sexuais libertando-as parcialmente de certo exercício de silêncio e repressão. Isso fez com que a Psicanálise se transformasse na terapia da moda. Dos judeus excluídos passou a fazer parte de um clube médico psiquiátrico excludente, perdendo, com isso, a força de uma marginalidade que sempre tem um caráter questionador e crítico dos processos de homogeneização e hegemonização. Acredito que, naquela época, entre as décadas de 1950 e 1970, as análises naqueles novos centros coagularam o fluxo livre do pensamento em prol do fortalecimento institucional. Muitos dos efeitos excludentes da Psicanálise foram engendrados naquelas décadas. O problema de uma institucionalização, quando se fortalece, é a tendência que chamei de homogeneização. Nesse processo, ela constrói centros identitários muito fortes e unitários, demarcando fronteiras

para que a mesmidade não perca seu reflexo e, como diria Freud no "Mal-Estar na Cultura", nada tão falacioso e enganoso quanto um sentimento de mesmidade. Isso significa dizer que qualquer abertura que questione nossos centros identitários me parece positiva. No início, em Viena, a Psicanálise foi exercida por diversos profissionais, não era um assunto exclusivo de uma disciplina. É preciso devolver o pensamento psicanalítico – e a sua prática – ao contexto diverso que a nutre e que permite ampliar fronteiras.

## Você foi presidente da FEPAL no período de 2014/2016. Como isso contribuiu para a sua reflexão sobre a América Latina e sobre a nossa maneira de trabalhar? O que essa experiência lhe trouxe pessoalmente?

A FEPAL é a possibilidade da diversidade, da exogamia, é o ambiente externo onde podemos nos exilar de nossas endogamias locais, carregadas daqueles sentimentos gerados pelos narcisismos das pequenas diferenças. É o encontro com o outro, onde nos reconhecemos ou nos diferenciamos. Tenho uma memória do meu primeiro congresso da FEPAL, num país distante e austral (Chile, 2008). Ali, senti literalmente a experiência do estrangeiro, me senti estranho naquele universo que parecia uma Torre de Babel, ouvindo não só as belas entonações portuguesas (digo entonações porque não entendia nada do seu significado, tendo sido apenas capturado por sua musicalidade), mas, também, outras linguagens e modos de pensar sobre a Psicanálise que em meu pequeno território estavam excluídos. Acho que, hoje, em todos os lugares do nosso planeta, estamos numa encruzilhada de estilos, raças, sabores, ideologias, mas o nosso continente, desde a chegada dos espanhóis, é a mistura, a hibridização por excelência. O valor de uma federação como a nossa está na possibilidade de troca. Foi isso o que a FEPAL me ensinou: a possibilidade de fazer trabalhos entrecruzados, tecendo com outros colegas de diferentes latitudes. Essa ideia foi a que pensamos articular no Congresso de Cartagena, em 2016, a apresentação de trabalhos que surgiram de um fazer entrelaçado de colegas de diferentes sociedades. É a alteridade o que nos permite um pensar que se transforma, que não se fixa em dogmas.

**Você é um amante da Literatura. Você considera que análise é narrativa? Qual a importância da verdade?**

Penso que analisar é uma forma de ler de uma maneira diferente daquela que estamos acostumados. Se hoje você me perguntasse que leitura eu recomendaria para começar no campo da Psicanálise, eu diria que ler Cortázar, desde seus "Modelos para Armar" até a sua lúdica "Amarelina". Não se trata da leitura das continuidades, é muito mais a busca pelas descontinuidades do texto. Existe um exercício que adoro; uma vez ouvi de alguns estudantes de Cinema. Consiste em detectar os erros que ocorrem na montagem de um filme. Identificar objetos da atualidade em um filme de épocas passadas ou perceber a intromissão do microfone em algumas cenas. Não sei se a análise é um exercício narrativo clássico, que segue um fio confutor dos acontecimentos. Creio que a análise é um exercício narrativo no qual, como em *Continuidad en los parques*, conto de Cortázar, o assassino da história que estamos lendo crava a faca nas costas do leitor que lia a sua aventura. A Psicanálise é uma narrativa que tem sentido, desde que se faça carne em nós, isto é, a transferência, na minha opinião. A verdade é um tema em si para ser discutido, porque, tentando ser consistente com o que venho dizendo, por trás de toda verdade superficial existe uma trama que nos mostra que essa verdade é apenas transitória, que corresponde a uma

forma de ver as coisas. Mas, partindo de outra perspectiva, essa verdade se esmaece. Foi o que aconteceu com as verdades científicas, pois em cada época existe uma verdade que deixa de sê-lo na seguinte.

**Pandemia: fale-nos um pouco sobre a sua experiência pessoal e como psicanalista durante esse período.**

A pandemia foi o rompimento das certezas, a propósito da questão das verdades que eu vinha anunciando. O pequeno vírus demonstrou as falibilidades de nossas *technés*, e como diria Freud, novamente no "Mal-Estar na Cultura", diante das forças da natureza seremos eternamente impotentes. Acredito que essa ruptura de certezas é o que tem gerado essas manifestações emocionais de ansiedade diante de um futuro que se desvanece e a depressão, como reação à perda das garantias às quais nos amarramos em nosso passado. A questão que me coloco é o que se passa nas mentes dos nossos colegas que, antes da pandemia, negavam a virtualidade porque a Psicanálise só poderia ser feita na presença de corpos, afirmação da qual não discordo, particularmente sou um dos que sentem nostalgia e saudades do corpo a corpo. A virtualidade nos ofereceu outra maneira de pensar o encontro analítico e, para mim, questiona o acento que foi colocado nas formas, nos muitos processos formativos, para ressaltar que a dinâmica do nosso

trabalho está na transferência, e isso não depende exclusivamente dos aspectos formais.

**O que você considera importante dizer a alguém que deseja ser psicanalista?**

Cuidado com os dogmas religiosos e com os líderes messiânicos! Um dos perigos quando fazemos escolas que aderem a um autor é reduzir o campo de debate às interpretações particulares que um pensador autoriza em seus escritos. Não se deve pensar como Bion, Freud, Klein, Lacan. Eles nos apresentam questões para pensar a respeito e respostas hipotéticas. A força do pensamento psicanalítico reside em poder fazer uma leitura crítica de nossos fundamentos, contextualizá-los historicamente e pensar na possibilidade de aplicação de sua técnica. Ser analista implica repensar os nossos fundamentos conceituais.

// Ruth Naidin

ruthnaidin@gmail.com

Colaboração: Letícia Neves

Tradução: Maria Noel Sertã



"Sete minutos depois da meia-noite", do diretor catalão J. A. Bayona, aborda de modo comovente, uma situação de "luto antecipado": num condado da Inglaterra, a mãe de um menino de 12 anos, Conor O'Maley, está gravemente doente; seu pai tem uma nova família na Améri-



Cena do filme *Sete minutos depois da meia-noite*.

ca e a avó, muito rígida, difere da afetuosa mãe. O filme abre dizendo ser uma história "como muitas outras", de "um menino velho demais para ser criança e jovem demais para ser adulto". Segue-se um pesadelo recorrente de Conor: o chão se abre sob os pés da mãe que ele sustenta pela mão que ameaça escorregar. Quando isso acontece, ele acorda. No colégio, sofre *bullying* violento por parte de garotos mais fortes. Seu escape é desenhar, em casa ou nas aulas. Os garotos zombam dele, por "viver num outro mundinho" (o de seus desenhos) e, sem dó, mencionam sua "mãe careca". Numa noite em que está desenhando, ouve chamarem seu nome e a casa parece tremer: do lado de fora, um ser monstruoso, gigantesco, cuja pele parece crosta de árvore centenária. Com voz gutural, o monstro diz a Conor que

virá três vezes, sempre aos sete minutos após as 24 horas, para contar uma história a cada visita. Mas a quarta história deve ser do próprio Conor: "a verdade de seus pesadelos". O menino não se mostra interessado, mas o monstro menciona reis, príncipes e lutas. Entretanto, a narrativa do monstro é bastante diversa do que seria um conto de fadas com o bem e o mal, bem definidos, em polos opostos, o que surpreende e decepciona Conor. O monstro diz que "nem sempre uma bruxa será uma assassina e nem sempre um herói de sangue azul será uma pessoa nobre e sem culpas: na realidade, as coisas podem ser muito diferentes de histórias com bons moços e vilões, pois podemos ser uma mistura de tudo". Uma visita do pai, mais frustrante do que apoia-dora para Conor, seus embates com a avó (que

# Um monstro chama

cuida da filha cada vez mais frágil) e as conversas com o monstro constituem o roteiro assinado por Patrick Ness, também autor do livro *A monster calls* (título original do filme), lançado em 2011 a partir de uma ideia de Siobhan Dowd (1960-2007) e ilustrado por Jim Kay. Siobhan teve a ideia para tal história durante sua doença terminal e não a concluiu. O projeto foi para Ness, que disse sobre a falecida autora de livros infanto-juvenis: “Ela tinha esses personagens, uma premissa, um começo; o que ela não teve, infelizmente, foi tempo”.

Em 2012, o livro recebeu os mais importantes prêmios literários infanto-juvenis britânicos, a primeira vez em que escritor e ilustrador receberam os grandes prêmios pela mesma obra.

Em 2013, J. K. Rowling escolheu Jim pessoalmente para ilustrar a série Harry Potter.

Lançado em 2017, no Rio, o filme só foi exibido duas semanas em uma única sala de cinema. Está disponível em canais HBO da plataforma Now. Não surpreende que o tema da morte e ameaça de perdas não tenha sido considerado de interesse numa cidade (e país) que privilegia a negação dos riscos de morte que a Covid-19 pode trazer.

O filme acumulou 39 prêmios, além de 55 indicações internacionais, sendo uma coprodução entre Inglaterra, Estados Unidos e Espanha. Neste último país, recebeu 9 estatuetas do “Goya” (o ‘Oscar’ espanhol) e 8 prêmios “Gaudí” (o ‘Oscar’ da Catalunha). Liam Neeson levou o prêmio de

melhor performance exclusivamente vocal (a voz do monstro), mas o maior destaque é Lewis MacDougall com a idade do personagem nas filmagens, emocionando o quanto a história exige.

Podem ser bem interessantes para psicanalistas que lidam com crianças em situação de perdas, mas pode emocionar a todos, pois também elaboramos perdas por meio de obras de arte perspicazes sobre verdades denegadas em nossos piores pesadelos. Só ao aceitarmos nossa realidade psíquica – iniludível – é que **podemos nos encontrar conosco e assumirmos nossos verdadeiros selves.**

// Luiz Fernando Gallego

luizgallego@gmail.com



# Divulgar é preciso

Inspirados pelos famosos versos do poeta português Fernando Pessoa “navegar é preciso, viver não é preciso”, esta coluna itinerante pretende passar em revista os artigos dos membros e alunos da SBPRJ publicados em livros, revistas e periódicos. Alguns desses artigos estão ao alcance de um clique.

Boa navegação!

1 - Maria Cristina Reis Amendoeira e Camila Pires Leal. **A velhice em foco: os estudos psicanalíticos latino-americanos atuais.** In: Livro Virtual Fronteiras/FEPAL, 2020, p. 1013-1020.

[Disponível neste link](#)

Resumo: O tema do envelhecimento é estudado ou ensinado em nossas Sociedades Latino-Americanas? Qual tem sido o papel dos psicanalistas latino-americanos para ultrapassar as fronteiras do desconhecimento a respeito dos aspectos subjetivos nessa etapa da vida? Como desconstruir preconceitos e discriminações em nosso próprio meio psicanalítico a respeito da clínica e dos estudos sobre o envelhecimento? Nesse artigo, procuramos dar visibilidade aos aspectos subjetivos do envelhecimento a partir da reflexão e dos estudos psicanalíticos das últimas décadas. A diversificação da sexualidade, o lugar do corpo do velho na atualidade, interfaces com as manifesta-

ções da cultura no envelhecimento, as fronteiras de analisabilidade, a morte e o luto são alguns dos temas abordados nestes estudos.

2 - Joana Cahu Domingues. **Estranho mas nem tanto.** Revista Construções (ABC), São Paulo, v. 6, 2018.

[Disponível neste link](#)

Resumo: O trabalho propõe uma reflexão referente ao estranho em cada um de nós, relacionando este fato às relações primitivas. A autora valoriza a relação mãe/bebê como a matriz para o desenvolvimento emocional e enfatiza as repetições dessas experiências iniciais ocorrendo tanto no processo de análise, componente fundamental da formação, quanto nas relações interpessoais da formação psicanalítica.

3 - Alexandre Palma, Monique R. de Assis e Murilo Mariano Vilaça. **Bacurau: uma metáfora do Brasil atual.** Revista Praxis, Volta Redonda, v. 11, p. 31-36, 2019. [Disponível neste link](#)

Resumo: O objetivo do presente texto é debater alguns aspectos relacionados à sociedade do Brasil contemporâneo, notadamente aqueles que dizem respeito à violência, saúde e relações de poder, inspirados pelo filme Bacurau. A partir do filme é possível refletir sobre a retirada de direitos, violência, enfraquecimento do sistema público

de saúde, agressão ao meio ambiente, entre outros aspectos. A realização desse exercício, assim, pode promover uma interessante reflexão sobre o Brasil atual.

4 - André Luiz Alexandre do Vale e Marta Rezende Cardoso. **Sua Majestade, o perverso: domínio e onipotência nas perversões.** Revista de Psicologia da USP, v. 31, p. e180138, 2020.

[Disponível neste link](#)

Resumo: Este artigo pretende explorar as bases narcísicas da perversão para mostrar que a problemática perversa tem em seu fundamento um ego narcisicamente ferido, que precisa manter-se ilusoriamente unificado, afirmando-se em sua onipotência infantil. Na base do funcionamento narcísico dos sujeitos perversos, reside um objeto interno “indomável”, de modo que toda manobra do perverso se configura como movimento extremo para dominá-lo e exercer o controle onipotente sobre ele. Diante da impossibilidade de se dominar internamente este objeto “encravado”, o sujeito acaba por tentar exercer o domínio ativo do objeto externo, tornando sua presa seu cúmplice.

// Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com